

**A queima de bíblias (1953): Uma análise do campo religioso
astorguense**

Laís Pinheiro de Souza Guelis

Universidade Estadual de Maringá

Orientadoras: Dra. Solange Ramos de Andrade (UEM) e

Dra. Vanda Fortuna Serafim (UEM).

Para elaborarmos uma análise histórica sobre o embate entre Católicos Apostólicos Romanos (na figura dos Freis Capuchinhos) e os Protestantes Presbiterianos é necessário deixarmos de lado o conforto intelectual que olhar somente para o fato isolado poderia nos proporcionar, e aceitar o desafio analítico em fazermos um estudo com um maior grau de aprofundamento do contexto histórico, ou seja, do entorno que deu margem a todo o acontecimento.

Desta maneira, introduziremos o conceito de *campo religioso* do sociólogo francês Pierre Bourdieu, que ao nosso entendimento trazem elucidação e justificam a nossa abordagem histórica do cenário Astorguense de 1953.

Segundo o autor, a constituição de um campo religioso relativamente autônomo se dá a partir do momento em que há uma necessidade de “moralização” e “sistematização” das crenças e práticas religiosas. Esses processos, por sua vez, só se tornaram passíveis de acontecerem em meio a um conjunto de transformações sociais, econômicas e tecnológicas, correlatas ao nascimento e desenvolvimento das cidades e aos progressos da divisão do trabalho e a aparição da distinção entre trabalho intelectual e trabalho material.

Esse processo de urbanização, todavia, contribui para a “racionalização” religiosa somente a partir do momento em que a religião, dotada de sua própria normatividade, favorece o desenvolvimento de um corpo especificamente sacerdotal, fortemente hierarquizado, incumbido da gestão dos bens de salvação.

10.4025/6cih.pphuem.590

Esse corpo de sacerdotes “deriva sua legitimidade de uma teologia erigida em dogma cuja validade e perpetuação ele próprio garante”. (BOURDIEU, 2009, p. 38).

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um ‘corpus’ deliberadamente organizado de conhecimentos secretos (e portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por essa razão em leigos (ou profanos, no duplo sentido do termo) destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato que a desconhecem enquanto tal. (BOURDIEU, 2011, p. 39)

Diante do exposto, pode-se concluir que como o principal elemento do campo religioso, tem-se o conjunto de relações que os diferentes agentes especializados mantêm entre si no atendimento à demanda dos leigos.

A partir do apresentado realizaremos então um mapeamento do campo religioso astorguense para melhor visualizarmos e compreendermos este conceito na realidade examinada. Ao nos reportarmos para os estudos feitos acerca desse campo, nós nos deparamos com certa escassez de autores que pensaram a questão com profundidade. Tomaremos como base, portanto a obra *Os municípios, sua história e sua gente Astorga* (1980) de Manoel Messias Mendes e Ernesto Píancó. Os autores trazem pequeno mapeamento de algumas instituições religiosas e breves histórias de consolidação das mesmas na cidade. Também trabalharemos com algumas partes de depoimentos colhidos em campo no decorrer da pesquisa.

Articularemos o conteúdo apresentado pelos autores, dedicando o primeiro momento para apresentar como se deram os primeiros passos para a instauração do movimento católico no município; em um segundo momento evidenciaremos o processo de consolidação das Igrejas pioneiras de cunho protestante; para em seguida, realizarmos um histórico mais amplo da Igreja Presbiteriana de Astorga.

10.4025/6cih.pphuem.590

Iniciando com o histórico da Igreja Católica, Mendes e Morato (1980) mostram que o nome do padroeiro de Astorga, São Sebastião, foi escolhido por um antigo morador chamado Sebastião de Souza, conhecido como “Sebastião Carioca”. O morador fez o pedido formal ao Padre Carlos Prousts e este levou a petição ao bispo de Jacarézinho Dom Geraldo de Proença Sigaud, que aprovou a escolha. Logo após de ter se tornado válida a indicação, foi levantado um cruzeiro na Praça da Vitória, no ano de. A primeira missa seria realizada em um terreno, mas uma tempestade impediu que isso acontecesse no local. Assim, o ato litúrgico foi realizado na casa do Sr. Ladislau Furman, que ficava na data 5, quadra 7.

Alguns anos mais tarde, em um terreno doado pela Companhia de Terras do Norte do Paraná, foi construída a primeira Igreja Matriz de Astorga: uma capelinha de 4x8 metros feitas de pau de palmito e coberta de taboinhas tiradas a machado. As liturgias eram celebradas mensalmente no local pelo padre Bernardo Merckel, da cidade de Arapongas, a qual pertencia à paróquia. (MENDES; MORATO, 1980).

Com a serraria Santa Terezinha em atividade na cidade, foi possível a construção da primeira capela de madeira, que por sua vez veio a desabar devido a um forte vendaval. Em seguida, logo se construiu um terceiro templo com os restos de madeiramento do templo que havia caído. Mais adiante, os autores relatam que houve uma quarta igreja, em uma chácara nos arredores do município, em virtude dos desentendimentos e dificuldades legais em se adquirir os terrenos em nome da Mitra Diocesana de Jacarezinho. Dessa maneira, no dia 28 de dezembro de 1948, foi oficialmente inaugurada a Paróquia São Sebastião, agora desmembrada de Arapongas.

O dia 6 de abril de 1949 marca a consolidação do catolicismo na cidade de Astorga com a posse do primeiro vigário, o padre Luciano Ambrosini, diante do olhar de testemunhas. No ano de 1952 as irmãs da Sagrada Família chegaram para dar aulas na escola paroquial, e em 1953, os Freis Capuchinhos, começaram então a pregar as primeiras missões na cidade. Na mesma época foi erguido um cruzeiro de madeira de 60x60 centímetros na base, 40x40 no topo e 10 metros de braço. Lavrado pelos próprios fiéis foi considerado o maior cruzeiro do Brasil até então. Em

nota, os autores colocam que o cruzeiro foi símbolo para a confecção dos selos para pagamento de taxas municipais. (MENDES; MORATO, 1980).

Nos anos que se seguiram, mais especificamente em 1956, em substituição ao padre Luciano Ambrosini, tomou posse o segundo vigário de Astorga, João Jansen, que veio há falecer dois anos depois, sendo substituído por José de Oliveira e Silva. Assim, apenas em maio de 1958, com a visita de Dom Geraldo de Proença Sigaud, foram estabelecidas as bases para a construção da Igreja Matriz definitiva. Em dezembro de 1962, já com Gumercindo Dalla Costa como vigário e Alexandre Gamola como vigário supervisor, inaugura-se a Igreja Matriz. As solenidades ocorreram nos dias 15 e 16 com a presença de Dom Geraldo Fernandes da diocese de Londrina, da qual Astorga estava vinculada. Nesses mesmos dias, a Paróquia São Sebastião foi também declarada como Santuário de Nossa Senhora Aparecida. No ano de 1965 a paróquia passou a pertencer à diocese de Apucarana, criada em 28 de março do mesmo ano, tendo como bispo Dom Romeu Alberti. (MENDES; MORATO, 1980).

Expostos alguns pontos principais a respeito do surgimento e consolidação da Igreja Católica em Astorga, Mendes e Morato (ano), passemos a caracterização das igrejas protestantes pioneiras da cidade.

No ano de 1945, por meio das práticas dos cultos realizados na casa da família Carminati, nasceu o que mais tarde se tornaria a Igreja Presbiteriana Independente. As famílias de Otoniel Machado, Cândido Coutinho e José Frazão também colaboraram com o surgimento da Igreja, e o movimento começou a se fortalecer a cada dia mais.

Ao definirem o surgimento da Igreja Presbiteriana Independente, os autores usam os seguintes termos:

Da incompatibilidade de um grupo de presbiterianos com a maçonaria e missões estrangeiras, surgiu a Igreja Presbiteriana Independente, fato este ocorrido em São Paulo no dia 31 de julho de 1903. (MENDES, MORATO, p. 64)

A chegada do reverendo João de Godoy e a construção de um pequeno salão de cultos em um terreno doado pelo Sr. Antenor Domingues de Moraes, marcam o início da congregação dos Presbiterianos Independentes na cidade. Em julho de 1955 ela deixa de ser congregação e passa a ser igreja, pois já contava com quase 300 membros. O templo próprio, na Avenida Dr. José Soares de Azevedo, 246, foi então construído pela supervisão do primeiro pastor, o reverendo Gerson Pires de Camargo. Quem também iniciou suas atividades no ano de 1946, ocupando uma sala nos fundos da Selaria Vargas, foi a Congregação Cristã do Brasil. Mais tarde, em 1953, a Congregação ganhou uma nova igreja na Rua Paulo Tadashi Satomi, número 341. Mendes e Morato fazem uma breve e superficial explanação de alguns dogmas da Igreja:

“Na Congregação Cristã do Brasil não são celebrados casamentos. O usual é uma oração após o ato civil, o que geralmente ocorre na casa dos nubentes. Outro aspecto positivo da Congregação Cristã é que ela não faz distinção de pessoas, lá todos são iguais. Talvez por isso, seus anais não registrem a passagem, por ela, de nenhuma personalidade importante. Esta seita também tem um ponto que a difere da maioria das igrejas: não aceita doações de bens imóveis; todos são comprados.” (MENDES, MORATO, p. 65)

As primeiras famílias astorguenses a se converterem foram as de Antônio Tarifa Vargas, Josias Lourenço Pereira e Amadeu Zanchi. Como coordenador, o primeiro a ocupar o Ministério em Astorga foi Josias Lourenço Pereira. Depois vieram, pela ordem, Antonio Tarifa, Abelardo de Souza e Sebastião Baroni.

Em 1949, a Igreja Assembleia de Deus estabeleceu o funcionamento de sua denominação. O seu primeiro culto foi realizado no dia sete de junho, dirigido por Antonio Dias Sobrinho. O templo atual da Igreja, localizado na Rua Paulo Tadashi Satomi, foi inaugurado em março de 1957 durante o pastorado de José Pereira de Almeida. A igreja ainda encontra-se em plena atividade.

Atentando agora de outra denominação, a Igreja Batista, Mendes e Morato (1980) narram que o surgimento desta na cidade de Astorga se deu devido à vinda de alguns evangélicos de São Paulo no patrimônio de Içara no ano de 1950. Sete

anos depois, a sede foi transferida de Içara para a cidade de Astorga, e funcionou até o ano de 1961, na Rua Presidente Dutra. A partir dessa data, foi transferida para a Rua Paraná, 76, Vila Samuel, onde funciona até os dias de hoje. Até 1980, a Igreja Batista era dirigida pelo pastor José Carneiro de Mattos e dois diáconos, dois superintendentes da Escola Bíblica e sete professores. Mantinha trabalhos de assistência social supervisionado pela União Feminina Missionária e contavam com congregações em Colorado e Içara e relatava o número de 96 membros comungantes. Também dispunham de duas propriedades em Astorga – a da sede atual e o terreno onde funcionou provisoriamente até 1961.

Na mesma época do desapontar da Igreja Batista, os representantes dos pensamentos filosóficos do mestre Masaharu Taniguchi (Kobe, 1893 - Nagasaki, 1985), líder religioso japonês e fundador da *Seicho-No-Ie*, tem em Astorga uma legião grande de seguidores. No dia 15 de junho de 1957, a *Seicho-No-Ie* começa a surgir no município de Astorga em uma reunião na residência do senhor Massataro Kawassaki, por iniciativa do senhor Takamassa Shinohara. Porém, sua consolidação na cidade se daria no dia 7 de setembro do mesmo ano. Mendes e Morato (1980) associam este movimento intimamente a Colônia Japonesa da cidade, e ressaltam que esse foi o principal grupo atuante no desenvolvimento da propagação da mesma em Astorga.

No ano 1965, o trabalho de evangelização da Igreja Missionária iniciou-se em Astorga por meio de cultos isolados em residências. Na ocasião, caravanas de fiéis de Iguaçu iam para Astorga participar dos cultos que tinham a assistência pastoral do pastor Amilton Justus de Maringá. O primeiro salão de cultos, na Avenida São João, começou a funcionar em 1966, um ano antes da oficialização da Igreja na cidade. Ali, o evangelista Osvaldo Rodrigues iniciou um trabalho de base, o qual os autores alegam ser o principal motivo do crescimento do número de fiéis. Então em 1967, um modesto templo é construído na Avenida Caetano Munhoz, oficializando assim a denominação na cidade. O primeiro pastor, escolhido pela junta administrativa da igreja, foi João Custódio Liberato.

Com o relativo crescimento no número de membros e de arrecadações, a igreja consegue obter posse do terreno onde se encontrava instalado seu

tabernáculo no ano de 1968. Em outubro desse mesmo ano, já concluído as obras, o templo foi inaugurado numa solenidade que contou com a presença de autoridades eclesiásticas e autoridades do município, como o prefeito da época Carlos José Anunciação.

Conforme os anos foram passando, houveram algumas trocas do pastorado da Igreja, mas nada que a impedisse de crescer em espaço e em números de fiéis, se tornando assim nos dias atuais uma das maiores igrejas evangélicas na cidade de Astorga. A Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Presbiteriana Renovada foram umas das últimas a se estabelecerem na cidade de Astorga.

A primeira surgiu em 1969, inaugurada pelo pastor João Portes dos Reis, na Avenida Ana Nery, número 15. Mendes e Morato apresentam essa denominação como originária dos Estados Unidos e a definem como “pioneira em reavivamento espiritual no Brasil” (1980, p. 65), tendo como objetivo pregar que “Cristo Salva, cura, batiza com o Espírito Santo” (1980, p. 65).

Já a Presbiteriana Renovada foi fundada em maio de 1975, funcionava até a década de 1980 na Rua Presidente Bernardes e tinha aproximadamente 40 membros. Atualmente, o templo da Igreja está localizado na Rua Camilo Ramalho Matta, e conta com aproximadamente 300 membros.

Encerradas as considerações dos autores a respeito do mapeamento religioso no município, a partir de agora então apresentaremos o histórico de aparecimento e consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil em Astorga. Entretanto, faz-se necessário a título de esclarecimento, uma breve definição de qual tipo de protestantismo exatamente estamos nos referindo. Optamos por esta definição, por entendermos ser necessário, pelo menos neste primeiro momento, buscar compreender o termo a partir dos pressupostos de seus adeptos e fiéis.

Para tanto, usamos o teólogo e historiador Alderi de Souza Matos, autor do artigo “Simonton e as Bases do Presbiterianismo no Brasil”, publicado no site do Instituto Presbiteriano Mackenzie. De acordo com Matos, ao fazer essa definição, é necessário retomar algumas bases e fazer uma breve definição de termos. O autor utiliza inicialmente o termo “Reformado”, por entender que este começou a ser aplicado no segundo movimento da Reforma Protestante (século XVI), liderado pelo

10.4025/6cih.pphuem.590

francês João Calvino (1509-1564). Outro termo associado por Matos à esse movimento refere-se à “Calvinista”. Calvino, como o maior líder inicial do movimento reformado, expôs sua interpretação teológica e bíblica, principalmente em sua obra principal “Instituição da Religião Cristã” ou “Institutas”. E o terceiro termo usado pelo autor é o termo “Presbiteriano”. O presbiterianismo surgiu juntamente com as lutas que marcaram a implantação do Calvinismo nas Ilhas Britânicas. Essa proposta era inovadora, pois trazia consigo a ideia da igreja governada por presbíteros eleitos pelos próprios fiéis. Matos encerra essa explicação complementando: “Em outras palavras, todo presbiteriano é, em tese, reformado e calvinista, mas nem todo o calvinista é presbiteriano.” (MATOS, p. 2).

Diante do exposto, o que tem a se dizer é que a história de surgimento da cidade confunde-se indubitavelmente com o início do movimento protestante, tendo em vista que seu predecessor foi também o primeiro morador Sr. Antenor Domingues de Moraes, que chegou a Astorga no dia 25 de novembro de 1943.

Em depoimento, outro pioneiro do município e também protestante presbiteriano desde aquela época, J. G. P., podemos observar que a influência do Sr. Antenor na propagação do presbiterianismo na cidade foi de vital importância: “Ele tinha uma família grande. Sempre fazia uma leitura, sempre convidava alguém. Ele não deixava de falar, foi um grande instrumento, até que todo o tempo é falado no nome dele”.

Os trabalhos evangelísticos começaram de fato no ano de 1944. Manoel Mendes e Ernesto Piancó (1980) mostram que no local do primeiro culto, um pequeno rancho pertencente ao próprio Sr. Antenor, se reuniu cerca de sessenta pessoas. Ao analisarmos as nossas fontes e dados coletados durante a realização da pesquisa, o que fica claro é que um número considerável de pessoas se envolveu de uma maneira ou de outra no movimento protestante, tendo em vista que a população de uma Astorga ainda sem residências era composta de pouquíssimas famílias.

A segunda família evangélica que chegou a Astorga foi à de José Carminatti, trazendo assim uma maior consistência ao trabalho evangélico na cidade. No dia 12 de agosto de 1945, o missionário da Junta das Missões Nacionais, o reverendo

Wilson de Nóbrega Licio, assumiu o pastorado do pequeno trabalho presbiteriano. O primeiro culto por ele dirigido aconteceu na casa de Carminatti, onde havia reuniões todos os domingos pela manhã em forma de Escola Bíblica Dominical.

O próprio entrevistado J. G. P. conta em seu testemunho que lá foram realizados sua profissão de fé e seu batismo pelo próprio pastor Wilson Nóbrega. Somente no dia 19 de setembro daquele ano foi organizada a Escola Dominical propriamente dita, tendo como superintendente José Carminatti, como secretário Alfredo Domingues de Moraes, e como professores Antenor Domingues de Moraes e Eunice Domingues de Moraes.

Ao se completarem cerca de três anos desde a primeira reunião, o trabalho já tinha alcançado certo crescimento e o espaço da pequena casa já se fazia bem restrito. Foi então que nasceu a ideia da construção de um espaço mais amplo. E no dia 18 de maio de 1948, foi inaugurado o acanhado templo presbiteriano. Nas solenidades de inauguração, o pregador foi o Reverendo Oscar Chaves, que na época residia em Marialva.

O trabalho crescia rapidamente. Nesta época, existia um coral regido pelo senhor Osmar Estevam que os presbiterianos consideravam “uma benção, pois atraía muitas pessoas” (MENDES, MORATO, 1980 p. 61).

Mendes e Morato (1980) apresentam uma lista completa dos nomes dos membros do ano de 1951, e estes somavam 104 pessoas. Então no dia 20 de maio de 1951, realizou-se uma reunião da comissão Presbiteriana do Norte do Paraná, que teve por objetivo a organização da Igreja Presbiteriana de Astorga. A frente da primeira diretoria tiveram os nomes dos presbíteros Ozias Stutz, Jairo José da Silva e Eduardo Lanner Ribeiro; dos diáconos Evaristo Estevão e Osmar Estevam.

J. P. G. conta em seu relato como se deram as mudanças no espaço de funcionamento da Igreja Presbiteriana. Ele descreve que após se reunirem nesse pequeno templo por cerca de três anos, o local foi transferido para um grande terreno, mas a custas de muitos desentendimentos. O pastor que aprovou a mudança de lugar não tinha o aval do conselho de Arapongas, o qual a Igreja pertencia na época e isso gerou um descontentamento dos fiéis para com o pastor.

Com a troca de pastores, a igreja acabou permanecendo onde estava apenas com algumas mudanças na divisão das datas, e permanece no mesmo local até os dias atuais.

No referente ao relacionamento dos fiéis da Igreja Presbiteriana com os de outras igrejas protestantes da época que, como explanado acima, foram paulatinamente instalando-se na cidade no decorrer dos anos, a documentação não nos mostra nada de singular e relevante.

Já a respeito o relacionamento com os fiéis católicos, o que se pode observar é que embora não houvesse um relacionamento de fato, não houve maiores desentendimentos antes da queima de bíblias em 1953. No depoimento de outro entrevistado, o senhor J. P. L., afirma que desde a sua chegada em Astorga no ano de 1951, nunca percebeu “nada de anormal” e que cada um “ficava em seu canto”. Já J. P. G. afirma que os desentendimentos se iniciaram no ano de 1953 com a chegada dos Freis Capuchinhos e o início das missões evangelísticas no município.

Mendes e Morato dedicam suas últimas considerações para falarem sobre a queima de bíblias em específico:

(...) Depois, os mesmos capuchinhos desenvolveram uma intensa campanha para acabar com as bíblias em Astorga, sugerindo que quem possuísse Bíblia entregasse para ser queimada. De fato, depois de sair de casa em casa, conseguiram juntar muitas Bíblias e livros evangélicos, que foram ajuntados e mais tarde queimados em praça pública (MENDES; MORATO, p. 61).

A relação entre esses dois grupos religiosos aparentemente foi apaziguada quando os missionários capuchinhos deixaram Astorga ainda em 1953. Entretanto, em conversa informal com o pastor presbiteriano D. J. V., ele deixa claro que sempre existiu e ainda existe certa dificuldade de convivência entre católicos e protestantes, ainda que um tanto mais velada do que na época da queima. O pastor classifica Astorga como “uma cidade que ainda tem de lidar com preconceito religioso em pleno século XXI”.

10.4025/6cih.pphuem.590

Dessa maneira, concluímos as considerações a respeito das características religiosas que compõe a cidade de Astorga e sua constituição histórica, tentando perceber todos os elementos que fizeram parte do cenário no qual o evento estudado se encaixa, e assim compreendendo o clima religioso dentro do território astorguense.

Fontes

J. G. P. 90 anos de idade, aposentado. Entrevista gravada em 06 de Julho de 2012.

J. P. L. 76 anos de idade, alfaiate. Entrevista gravada em 07 de Julho de 2012.

L. M. 80 anos de idade, advogado. Entrevista gravada em 10 de Julho de 2012.

ANÔNIMO, **Crete**, 1953.

ARANTES, Antonio José. “**Crete símbolo de miséria, teimosia, ignorância.**”, 1953.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 7ª edição – São Paulo. Perspectiva, 2011.

MATOS, Alderi de Souza. **Simonton e as Bases do Presbiterianismo no Brasil.** Disponível em: <http://www.mackenzie.br/7148.html>. Acesso: 29/03/2012.

MENDES, Manoel Messias; MORATO, Ernesto Piancó (redação). **Os municípios Sua história e Sua gente Astorga.** Maringá: Ed. Centrí, 1980.